

Algumas considerações sobre a produção e a aceitação de formas dos paradigmas *vós/vocês* após inquérito a estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Some considerations on the production and acceptance of forms of the *vós/vocês* paradigms after a survey of students from the Faculty of Arts of the University of Porto

Mestre em Linguística, FLUP, Portugal

FARIA, MARCELA
marcelafsaria@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Vós;
Vocês;
Variação e/ou mudança linguística;
Cortesia;
Português europeu.

KEY-WORDS:

Vós;
Vocês;
Linguistic variation and/or change;
Politeness;
European portuguese.

RESUMO: Na senda do debate em redor dos paradigmas de *vós/vocês*, em português europeu, tomando como enquadramento trabalhos como os de Marques (2008), Duarte (2010, 2011) e Aguiar e Paiva (2017), o presente estudo procura expor um retrato do uso e da aceitação de formas linguísticas destes paradigmas por um grupo de estudantes de Ensino Superior. Os dados recolhidos através de questionário mostram uma taxa de uso superior de *vocês* embora *vós* seja considerada a forma mais cortês. Nota-se ainda alguma manutenção de *convosco* sobre *com vocês* e a tendência para a produção e a aceitação de construções com verbos na terceira pessoa e determinante possessivo na quinta pessoa. As ocorrências de *vós* são associadas, pela maioria, a falantes mais velhos e de uma zona geográfica delimitada.

ABSTRACT: As part of the debate about the *vós/vocês* paradigms, in European Portuguese, this study aims to expose a picture of the use and acceptance of linguistic forms of these paradigms by a group of Higher Education students. The results show a higher production of *vocês*, although *vós* is considered the politest one. Remark on some maintenance of *convosco* over *com vocês* and the tendency for the production and acceptance of third-person plural verbs with fifth-person possessive determiner. The production of *vós* is associated, by the majority, with older speakers and with defined geographical areas.

1. INTRODUÇÃO

O estudo que levaremos a cabo versará sobre um ponto concreto dentro da problemática da variação e/ou da mudança linguística. Mais especificamente, apresentaremos algumas considerações sobre o uso e a aceitação de formas linguísticas dos paradigmas *vós/vocês* como representação da segunda pessoa do plural em português europeu. Fá-lo-emos após uma análise de dados recolhidos propositadamente para este efeito.

1. Sobre a dificuldade que os alunos estrangeiros sentem relativamente às formas de tratamento: “É por ser tão complexo dirigirmo-nos a outro interlocutor em PE que as formas de tratamento se tornam um problema de aprendizagem para os estudantes de português língua estrangeira e foi da constatação dessa dificuldade que partiram as pesquisas de Carreira (1997, 2001, 2004, 2007).” (Duarte, 2011, p. 81)

2. Recordamos aqui, a propósito, uma passagem do texto «Exmo Senhor Presidente, você não sabe que...?». de Isabel Hub Faria (2006): “Estou mesmo capaz, enquanto espero, de escrever já à Senhora Ministra da Educação a sugerir que institua, desde a primeira aula do ensino básico, o ensino e a prática de cada falante saber como apresentar-se oralmente, como saudar, como pedir a palavra e intervir, como utilizar as formas correctas de tratamento em português europeu!”

O debate sobre os paradigmas de *vós/vocês* dentro do âmbito da variação linguística (não só diacrónica senão sincrónica) relacionada com as formas de tratamento tem recebido contribuições como as de, entre outros, Cintra (1972), Carreira (1997, 2001, 2002, 2004, 2007) Marques (2008), Duarte (2010, 2011) e Aguiar e Paiva (2017). Esta temática, em português, é, como refere Duarte (2010, p. 133), “um item de reconhecida dificuldade,(...)”¹, na medida em que “a complexidade do uso das formas de tratamento em português origina múltiplas dificuldades e de diverso teor.” (Duarte, 2011, p. 85). “A maior parte delas”, continua a autora, “é de tipo pragmático e decorre de o locutor não saber adequar a forma própria ao destinatário que com ele se relaciona social e linguisticamente.”² Duarte (2011, p. 85). Transcrevemos aqui as palavras de Duarte (2010) que de alguma forma completam o que acabou de ser apontado:

Nas formas de tratamento cruzam-se questões linguísticas e não linguísticas, o princípio de cortesia, a adequação ao destinatário, a necessidade de não ameaçar a sua face (cf. Goffmann). O locutor tem de ter em conta, ao dirigir-se ao alocutário, as diferenças sociais, de idade, a proximidade ou a distância da relação, a formalidade ou informalidade da situação discursiva, isto é, o conjunto dos papéis sociocomunicativos de um dado acontecimento interaccional. Por regularem as relações intersubjectivas, as formas de tratamento permitem perceber a subjectividade enunciativa, e através delas se valoriza positiva ou negativamente o alocutário. São atravessadas pela atitude subjectiva do locutor, o respeito pelas convenções sociais, os sentimentos em relação àquele com quem se fala e o lugar que se lhe atribui. (Duarte, 2010, pp. 134-135)

Por tudo o que acima evocamos sobre a problemática relacionada com este assunto, e entendendo que são, de facto, necessários mais estudos empíricos, consideramos que seria interessante partirmos para um trabalho de campo e analisarmos as respostas dadas num questionário distribuído digitalmente a falantes reais. Assumimos, então, desde já, esse grande objetivo: apresentar uma análise de um conjunto de dados com o intuito de contribuirmos para a discussão da problemática referida. Mais concretamente, pretendemos com este estudo, e tomando o universo populacional escolhido (estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, inscritos no ano letivo 2020/2021 num dos três ciclos de estudos), fazer um retrato da produção e da aceitação das construções, no que concerne, por exemplo, à cortesia associada.

Afirmamos, desde logo, a consciência clara de que a amostra reduzida que temos, num universo de si já bastante demarcado (resultado do curto período temporal de que dispusemos para concretizar este estudo), nos limitará a abrangência das nossas leituras.

Contudo, entendemos que os resultados apresentados, adequadamente analisados, serão possibilitadores de observações relevantes também em estudos posteriores. Algumas respostas estarão matematicamente mais suportadas do que outras e dessas diferenças também daremos nota nas reflexões que exporemos na secção final.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“A cortesia é necessária ao discurso, a qualquer discurso, (a) porque comunicar é pedir colaboração, ou numa perspectiva mais “pessimista”, é invadir o espaço do outro, (b) porque o discurso é dialógico, prevê uma pluralidade mais ou menos ampla de interlocutores, (c) porque comunicar significa estabelecer laços frágeis, mas fundamentais, entre interlocutores. Os comportamentos de cortesia são fundamentais para a construção da relação interpessoal. Ou seja: ajudam à construção das imagens dos participantes.” (Marques, 2008, p. 294)

“A variação e mudança linguísticas constituem um dos temas mais interessantes nos estudos linguísticos, principalmente quando se tenta compreender os fatores linguísticos e extralinguísticos que subjazem a esses fenómenos.” (Pinto & Amorim, 2019, p. 189)

Muito resumidamente, como não podemos, nem pretendemos, apresentar aqui uma revisão aprofundada sobre a cortesia, procuramos neste ponto abordar o conceito como macroestrutura em que se enquadram as formas de tratamento, nas quais encaixam as produções de *vós/vocês*, sobre que refletimos neste trabalho. Evocamos neste ponto o Capítulo 6 (páginas 199-213) da obra “Pragmática: uma introdução” de Ana Cristina Macário Lopes.

Ora, depois do destaque dado às palavras de Marques (2008) acima transcritas, importa, mais do que relembrar e dissertar sobre a distinção entre cortesia positiva e cortesia negativa³ e também entre cortesia normativa e estratégica⁴, recordar a ideia de que a cortesia, sendo “un conjunto de estrategias de protección y de valorización de las imágenes de los demás a fin de preservar «el orden de la interacción.» (Kerbrat-Orecchioni, 2004, pp. 43-44, 45 *apud* Marques, 2008, p. 283)”, pode ser expressa através de vários elementos linguísticos, mais ou menos específicos. Entre eles, podemos destacar as formas de tratamento.

Como destaca Duarte (2011, pp. 87-88): “Obviamente que as formas de tratamento, como sabemos, são uma zona sensível de mudança linguística por estarem muito dependentes de variáveis sociais em plena evolução”. Especificamente no que toca ao Português Europeu, a autora sublinha o trabalho de Gouveia (2008), referindo que o autor assinala “uma progressiva e por vezes acelerada alteração das formas de tratamento, no sentido de um maior igualitarismo e reciprocidade de tratamento entre interlocutores” (Duarte, 2011, pp. 87-88). Nesse contexto, ressalta-se que as mudanças sociais acabam por criar novos contextos de interação e que os papéis sociais desempenhados são encarados de outra maneira; o que faz com que haja mudança nas formas linguísticas selecionadas no que à cortesia possa dizer respeito; as formas de tratamento têm, assim, vindo a evoluir e a tornar-se cada vez mais indicadoras dessa tendência de igualdade de estatuto (cf. Gouveia, 2008, p. 97 *apud* Duarte, 2010, p. 136). Dessa “mudança

3. Na primeira encaixamos todas as produções “que visam preservar ou reforçar a face positiva do interlocutor, demonstrando-lhe solidariedade, manifestando por ele interesse e atenção” e na segunda todas as que preservam “a face negativa do interlocutor e envolvem demonstração de deferência e evitação ou mitigação de comportamentos verbais intrusivos” (Macário Lopes, 2018, pp.200-201). Mais sobre este assunto em (Kerbrat-Orecchioni, 1997, p.153) e (Kerbrat-Orecchioni, 2004, p.43).

4. Ver sobre isto Marques (2008, pp.287-288).

constante das relações sociais entre os falantes e ela foi rápida em Portugal, nas últimas décadas, como, aliás, noutros países” é “compreensível a flutuação verificada nos nossos dias”, refere Duarte (2010, p. 136). É sobre esta flutuação gerada pela indecisão quanto à forma adequada que pretendemos refletir⁵.

As formas *você/vocês* são descritas por alguns autores, como, por exemplo, Marques (2008), como “formas informais” que acentuam, quando fazem parte de um contexto agressivo, o *Face Threatening Act* (FTA)⁶ (cf. Marques, 2008, p. 286). Esclarecemos, todavia, que neste trabalho focamo-nos apenas na dicotomia *vós/vocês* no que toca a um alocutário plural, uma segunda pessoa do plural; não nos debruçamos sobre o uso de *vós* como tratamento deferencial a um alocutário singular (nem no seu emprego irónico (cf. Duarte & Marques, 2019, pp. 244-245)), nem à problemática do uso de *você/tu/o(a) senhor(a)*, entre outras formas de tratamento de uma entidade singular. Deixamos, assim, de parte reflexões como algumas das que são feitas em Duarte (2011)⁷ e em Carreira (2004, 2007).

Acrescentamos, ainda, que, um pouco diferente de Duarte (2011, p. 88), que defende que “em PE, os problemas de inadequação do uso de «você» só se põem no singular”, entendemos que há ainda algo a dizer sobre a aceitação e a noção de cortesia associadas ao uso de *vocês*, dúvida que esteve também na base deste trabalho. Duarte (2011, p. 88) acrescenta que “na 3ª pessoa do plural, «vocês» é perfeitamente aceitável quando o locutor se dirige a vários destinatários⁸”. Ora, temos dúvidas sobre esta afirmação, nomeadamente em contextos mais formais, e, por essa razão, entendemos que se torna relevante invocar os falantes para a apresentação de juízos de valor quanto a esta questão.

Duarte (2011, p. 88) explica a ideia atrás avançada quando refere que “o emprego do pronome de 2ª pessoa do plural, «vós» está hoje relativamente confinado quer geograficamente⁹ quer do ponto de vista dos tipos de discurso em que é aceitável, enquanto forma de o locutor se dirigir a vários interlocutores”. Vemos aqui que, de facto, o tipo de discurso em causa poderá ser relevante no uso e aceitação do pronome.

5. Duarte (2010) refere mesmo que “as formas de tratamento, como as formas de delicadeza em geral, são peças fundamentais na regulação da relação interpessoal” e lembra a atribuição de “modalização interlocutiva” feita por Carreira (2001, p. 51).

6. Em oposição a um *Face Flattering Act* (FFA) (cf. Brown & Levinson 1987).

7. “A 3ª pessoa gramatical combina-se, no discurso, (i) com as diferentes «formas de tratamento», formas nominais de nos dirigirmos ao outro, que são sujeito do verbo na 3ª pessoa, (ii) com o pronome «você» e, sobretudo, (iii) com o pronome nulo Ø que permite evitar os malentendidos decorrentes de um uso inapropriado de *você* (Hammermueller, 2004). Com efeito, o pronome «você», generalizado ou quase no Brasil, onde a sua utilização não levanta qualquer dificuldade, coloca muitos problemas na variedade europeia do português, porque, no singular, só é aceitável em certas regiões e em certas variedades diastráticas, sendo o seu uso na variedade padrão muito específico de certas relações absolutamente simétricas e amistosas e inaceitável na maior parte dos casos, sobretudo

sempre que exista dissimetria social ou de idade entre os interlocutores. Nas variedades mais próximas da norma, o «você» é quase inadmissível, geralmente sentido como grosseiro ou, pelo menos, pouco cortês.” (Duarte, 2011, p. 87)

8. Entendemos que nesta afirmação a autora não está a considerar os casos em que a formalidade é mais acentuada.

9. “No plural, combina-se «vocês» e / ou «os senhores» / «as senhoras» (consoante a formalidade da relação e da situação interlocutiva) com a 3ª pessoa do plural e muito mais raramente com «vós», a 2ª pessoa do plural, cada vez menos usada e sobretudo só em certas variedades diatópicas.” (Duarte, 2010, pp. 135-136)

10. Capítulo 5 (páginas 136-152) do livro *Studies on Variation in Portuguese*.

Duarte (2011, p. 88) termina defendendo que o uso da segunda pessoa do plural está, na atualidade da sua publicação, confinado “a usos muito particulares e marcados”, dando o exemplo do discurso da Igreja, no qual “o sacerdote se dirige publicamente aos fiéis tratando-os na 2ª pessoa do plural” como ambiente de normalidade de produção da forma de tratamento (Duarte, 2011, p. 88). Além desses contextos mais religiosos, digamos assim, entendemos que o uso de *vós* ainda é aceitável, e não sabemos se até considerado pelos falantes como mais adequado, em casos de situações que se desenrolam com alguma formalidade, casos em que, socialmente, se exige um grau de cortesia mais elevado. Falamos, neste ponto, da possibilidade de variação diafásica ou até diastrática (se estiver incluído um contexto de camada social), e não tanto dia-tópica como era referido acima.

Estas considerações não têm ainda grande sustentação na literatura, pois, na sua maior parte, os estudos feitos sincronicamente versam a análise da variação diatópica, sendo recentes aqueles que se preocupam com variáveis sociais (cf. Pinto & Amorim, 2019, p. 190). Destaca-se neste último grupo, o projeto “Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense” (Barbosa et al., 2014), “que motivou novos estudos sobre variação do português e a organização de um Simpósio sobre este tema.” (Pinto & Amorim, 2019, p. 190). Nesse estudo¹⁰, reflete-se sobre a dicotomia *vós/vocês*, tomando em consideração a análise de produções recolhidas na zona geográfica de Braga. É defendida a ideia de que, embora apresente ocorrências, o uso de *vós* explícito ou de *vós* sujeito nulo seguido de verbo na segunda do plural está a diminuir; em sentido contrário, há um aumento de produções de *vocês* seguido de construções com verbos na terceira do plural (Aguiar & Paiva, 2017, pp. 148-149). Estas conclusões surgem em linha com o que tem vindo a ser apresentado relativamente a outras zonas geográficas (cf. Pinto & Amorim, 2019, p. 190). O facto de esse aumento estar associado a falantes mais jovens, entre os 15 e os 25 anos, aponta, como notam Pinto & Amorim (2019, pp. 194-195) na recensão que fazem ao estudo original de Aguiar e Paiva, “para a importante conclusão de que, mesmo nesta região, se trata de uma mudança em curso”; leitura com a qual concordamos. As autoras do estudo sobre a fala bracarense referem ainda a importância dos dados recolhidos na confirmação de que não

há um ritmo único nesta mudança, estando a forma nominativa se numa fase mais avançada do que as formas clíticas e tónicas *vos* e *convosco* (Aguiar & Paiva, p. 149)”. Todavia, há uma ressalva apontada na recensão feita por Pinto & Amorim (2019) que também acompanhamos: “a amostra usada para a verificação desta variação é, tal como as próprias autoras reconhecem, pequena, sendo que não ficam claros os critérios para a sua segmentação do corpus original. Nesta amostra, uma parte das formas de 2.^a pessoa do plural ocorre nas intervenções dos próprios entrevistadores, cujo discurso não sabemos se está incluído na estratificação em estudo.” (Pinto & Amorim, 2019, pp. 194-195). Apesar disto, tomaremos em consideração as reflexões/conclusões apresentadas no estudo referido na análise dos dados que obtivermos no nosso trabalho.

2.2. METODOLOGIA

Perante a ideia angular do estudo e os objetivos a ela associados, decidimos utilizar o método de inquérito por questionário, pelo que criámos um formulário digital sob esse arquétipo. O ficheiro (que incluímos na secção Anexos) foi enviado, através do sistema informático da Universidade do Porto, para os e-mails institucionais dos 5030 alunos inscritos no ano letivo 2020/2021 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e esteve disponível para preenchimento de 23-03-2021 a 06-04-2021¹¹. Do questionário fazem parte 12 questões de resposta obrigatória e uma de cariz opcional¹².

2.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS¹³

Obtivemos respostas de 107 estudantes (aproximadamente 2% dos que receberam o e-mail com o pedido de preenchimento do formulário).

11. A definição deste período deveu-se apenas à necessidade de estipularmos uma fase de recolha, tendo sido considerado que uma janela de quinze dias seria satisfatória para a receção de respostas.

12. A pergunta facultativa, que é de resposta aberta e tem como fim a construção de um enunciado, foi desenhada nesse formato opcional por entendermos que a sua obrigatoriedade poderia comprometer o número de respostas do estudo, já que previmos que alguns participantes pudessem desistir de responder quando deparassem com uma pergunta que lhes exigisse um esforço temporal e mentalmente mais dispendioso.

13. Apresentamos na secção “Anexos” os gráficos relativos a cada uma das perguntas de resposta fechada. Os valores percentuais são o resultado de arredondamento à unidade, pelo que, em alguns casos, o valor total não corresponde a 100%.

Tabela 1- Número total de informantes e distribuição pelos diferentes ciclos de estudo

| Informantes | Licenciatura | | | Mestrado | | Doutoramento | | |
|-------------|--------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|-----------|-----------|
| | 1.º ano | 2.º ano | 3.º ano | 1.º ano | 2.º ano | 1.º ano | 2.º ano | 3.º ano |
| 107 | 34 (32%) | 18 (17%) | 20 (19%) | 15 (14%) | 14 (13%) | 2 (2%) | 1 (1%) | 3 (3%) |

Destes, 72 do 1.º ciclo (34 do 1.º ano de Licenciatura, 18 do 2.º ano e 20 do 3.º ano), 29 do 2.º ciclo (15 do 1.º ano de Mestrado, 14 do 2.º ano) e 6 do 3.º ciclo (2 do 1.º ano de Doutoramento, 1 do 2.º ano e 3 do 3.º ano), notando-se, desde logo, uma proporcionalidade inversa entre o número de estudantes que responderam em cada ciclo e o nível de ensino superior frequentado ¹⁴.

14. Não obstante estes resultados parecerem indicar um menor interesse na participação por parte dos estudantes de ciclos posteriores, não podemos ignorar que o número de estudantes inscritos em cada ciclo e o ciclo frequentado ocorrem, igualmente, em proporcionalidade inversa.

FARIA, MARCELA; *Algumas considerações sobre a produção e a aceitação de formas dos paradigmas vós/vocês após inquérito a estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Some considerations on the production and acceptance of forms of the vós/vocês paradigms after a survey of students from the Faculty of Arts of the University of Porto*
 REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 118-155

Tabela 2 – A oposição vós/vocês em cada um dos ciclos de estudo

| Inscrito em | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | |
|------------------|------------------------------------|-------------|------------|-----------------------|------------|-------------|
| | Vós | Vocês | Ambos | Vós | Vocês | Ambos |
| 1.ºano L (34) | 3 (9%) | 26 (76%) | 5 (15%) | 24 (71%) | 2 (6%) | 8 (24%) |
| 2.ºano L (18) | 1 (6%) | 15 (83%) | 2 (11%) | 14 (78%) | 0 | 4 (22%) |
| 3.ºano L (20) | 3 (15%) | 13 (65%) | 4 (20%) | 16 (80%) | 0 | 4 (20%) |
| 1.ºano M (15) | 0 | 14 (93%) | 1 (7%) | 8 (53%) | 3 (20%) | 4 (27%) |
| 2.ºano M (14) | 0 | 13 (93%) | 1 (7%) | 10 (71%) | 2 (14%) | 2 (14%) |
| 1.ºano D (2) | 0 | 2 (100%) | 0 | 1 (50%) | 0 | 1 (50%) |
| 2.ºano D (1) | 0 | 1 (100%) | 0 | 0 | 0 | 1 (100%) |
| 3.ºano D (3) | 0 | 2 (67%) | 1 (33%) | 1 (33%) | 0 | 2 (67%) |

Tabela 3 – A oposição *convosco/ com vocês* em cada um dos ciclos de estudo

| Inscrito em | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | |
|------------------|------------------------------------|------------|-------------|-----------------------|------------|-------------|
| | Convosco | Com vocês | Ambos | Convosco | Com vocês | Ambos |
| 1.ºano L (34) | 15 (44%) | 9 (26%) | 10 (29%) | 20 (59%) | 4 (12%) | 10 (29%) |
| 2.ºano L (18) | 14 (78%) | 4 (22%) | 4 (22%) | 12 (67%) | 1 (6%) | 5 (28%) |
| 3.ºano L (20) | 13 (65%) | 3 (15%) | 4 (20%) | 11 (55%) | 0 | 9 (45%) |
| 1.ºano M (15) | 9 (60%) | 3 (20%) | 3 (20%) | 7 (47%) | 2 (13%) | 6 (40%) |
| 2.ºano M (14) | 6 (43%) | 3 (21%) | 5 (36%) | 9 (64%) | 2 (14%) | 3 (21%) |
| 1.ºano D (2) | 2 (100%) | 0 | 0 | 2 (100%) | 0 | 0 |
| 2.ºano D (1) | 1 (100%) | 0 | 0 | 1 (100%) | 0 | 0 |
| 3.ºano D (3) | 1 (33%) | 1 (33%) | 1 (33%) | 1 (33%) | 0 | 2 (67%) |

FARIA, MARCELA; *Algumas considerações sobre a produção e a aceitação de formas dos paradigmas vós/vocês após inquérito a estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Some considerations on the production and acceptance of forms of the vós/vocês paradigms after a survey of students from the Faculty of Arts of the University of Porto*
 REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 118-155

| Inscrito em | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | | |
|-------------------|------------------------------------|--------------------------|-----------------------|-------------------------|-------------------------|-----------------------|-------------|
| | Sentem -se... vossos | Sentai-vos ... vossos | Sentem-se ... seus | Sentem -se... vossos | Sentai-vos... vossos | Sentem -se... seus | Todos |
| 1.º ano L (34) | 24 (71%) | 1 (3%) | 9 (26%) | 3 (9%) | 18 (53%) | 3 (9%) | 10 (29%) |
| 2.º ano L (18) | 15 (83%) | 1 (6%) | 2 (11%) | 3 (17%) | 10 (56%) | 0 | 5 (28%) |
| 3.º ano L (20) | 14 (70%) | 2 (10%) | 4 (20%) | 3 (15%) | 9 (45%) | 5 (25%) | 3 (15%) |
| 1.º ano M (15) | 8 (53%) | 0 | 7 (47%) | 0 | 8 (53%) | 3 (20%) | 4 (27%) |
| 2.º ano M (14) | 11 (79%) | 0 | 3 (21%) | 3 (21%) | 5 (36%) | 2 (14%) | 4 (29%) |
| 1.º ano D (2) | 2 (100%) | 0 | 0 | 0 | 1 (50%) | 0 | 1 (50%) |
| 2.º ano D (1) | 1 (100%) | 0 | 0 | 0 | 1 (100%) | 0 | 0 |
| 3.º ano D (3) | 1 (33%) | 0 | 2 (67%) | 0 | 1 (33%) | 1 (33%) | 1 (33%) |

Tabela 4 – As construções *verbo+determinante* em cada um dos ciclos de estudo

Das tabelas acima, destacamos que há concordância praticamente total nas opções escolhidas pela maioria de estudantes de cada ano. Referimos “praticamente total”, porque notamos, nas respostas de estudantes inscritos no 3.º ciclo, que, no que diz respeito à cortesia associada a algumas construções (exceção para *convosco/com vocês*), parece haver uma tendência de abertura a uma aceitação mais transversal. Porém, não podemos deixar de sublinhar o estarmos a falar de juízos de um número de falantes pouco representativo (seis).

Olhando os dados numa perspectiva etária, esclarecemos que recebemos respostas dos 18 aos 54 anos, apresentando o estudo uma média de idades de 24,308, mediana 20 e moda 18.

Tabela 5 – A oposição *vós/vocês* tomando a idade como variável

| Idade | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | |
|---------------------------|------------------------------------|-------------|------------|-----------------------|------------|------------|
| | Vós | Vocês | Ambos | Vós | Vocês | Ambos |
| <i>até 20</i> (41) | 1 (2%) | 35 (85%) | 5 (12%) | 34 (83%) | 6 (15%) | 1 (2%) |
| <i>21-25</i> (40) | 2 (5%) | 33 (83%) | 5 (13%) | 28 (70%) | 4 (10%) | 8 (20%) |
| <i>26-30</i> (10) | 1 (10%) | 9 (90%) | 0 | 6 (60%) | 1 (10%) | 3 (30%) |
| <i>31 ou mais</i> (16) | 3 (19%) | 9 (56%) | 4 (25%) | 7 (44%) | 1 (6%) | 8 (50%) |

FARIA, MARCELA; *Algumas considerações sobre a produção e a aceitação de formas dos paradigmas vós/vocês após inquérito a estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Some considerations on the production and acceptance of forms of the vós/vocês paradigms after a survey of students from the Faculty of Arts of the University of Porto*
 REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 118-155

| Idade | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | |
|---------------------------|------------------------------------|------------|-------------|-----------------------|------------|-------------|
| | Convosco | Com vocês | Ambos | Convosco | Com vocês | Ambos |
| <i>até 20</i> (41) | 18 (44%) | 9 (22%) | 14 (34%) | 27 (66%) | 3 (7%) | 11 (27%) |
| <i>21-25</i> (40) | 24 (60%) | 7 (18%) | 9 (23%) | 21 (53%) | 5 (13%) | 14 (35%) |
| <i>26-30</i> (10) | 5 (50%) | 4 (40%) | 1 (10%) | 5 (50%) | 1 (10%) | 4 (40%) |
| <i>31 ou mais</i> (16) | 10 (63%) | 3 (19%) | 3 (19%) | 10 (63%) | 0 | 6 (38%) |

Tabela 6 – A oposição *convosco/com vocês* tomando a idade como variável

Tabela 7 – As construções verbo+determinante tomando a idade como variável

| Idade | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | | |
|---------------------------|------------------------------------|-------------------------|----------------------|------------------------|-------------------------|----------------------|-------------|
| | Sentem-se... vossos | Sentai-vos... vossos | Sentem-se... seus | Sentem-se... vossos | Sentai-vos... vossos | Sentem-se... seus | Todos |
| <i>até 20</i> (41) | 33 (80%) | 0 | 8 (20%) | 5 (12%) | 24 (59%) | 3 (7%) | 9 (22%) |
| <i>21-25</i> (40) | 26 (65%) | 3 (8%) | 11 (28%) | 3 (8%) | 18 (45%) | 9 (23%) | 10 (25%) |
| <i>26-30</i> (10) | 5 (50%) | 1 (10%) | 4 (40%) | 2 (20%) | 5 (50%) | 1 (10%) | 2 (20%) |
| <i>31 ou mais</i> (16) | 11 (69%) | 1 (6%) | 4 (25%) | 2 (13%) | 6 (38%) | 1 (6%) | 7 (44%) |

Sob o ponto de vista etário – representado nas tabelas 5, 6 e 7, mantém-se a síntese apontada acima quanto aos anos de inscrição: existe uma concordância praticamente total nos juízos indicados, havendo, neste caso por parte do grupo que indicou ter 31 ou mais anos, uma ten-

dência de aceitação de cortesia transversal nas construções com *vós/vocês* e também nas construções de verbo+determinante possessivo. Nota-se também que, embora em todos os grupos tenham referido *vocês* como forma que produzem mais naturalmente, o grupo de falantes mais velhos é o que menos a produz. Aliado a isto está o facto de ser este o grupo que mais indica a produção de *vós*.

Relativamente às respostas dadas, tomando a indicação de sexo como variável, registamos que a maioria (81) é do sexo feminino, havendo 23 respostas de falantes do sexo masculino e 3 de falantes que optaram por não querer responder a esta pergunta.

| Sexo | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | |
|--------------------------|------------------------------------|-------------|------------|-----------------------|-----------|-------------|
| | Vós | Vocês | Ambos | Vós | Vocês | Ambos |
| <i>Feminino</i> (81) | 5 (6%) | 67 (83%) | 9 (11%) | 54 (67%) | 5 (6%) | 22 (27%) |
| <i>Masculino</i> (23) | 2 (9%) | 18 (78%) | 3 (13%) | 18 (78%) | 2 (9%) | 3 (13%) |

Tabela 8 –A oposição *vós/vocês* tomando o sexo como variável

Tabela 9 – A oposição *convosco/ com vocês* tomando o sexo como variável

| Sexo | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | |
|--------------------------|------------------------------------|-------------|-------------|-----------------------|------------|-------------|
| | Convosco | Com vocês | Ambos | Convosco | Com vocês | Ambos |
| <i>Feminino</i> (81) | 44 (54%) | 16 (20%) | 21 (26%) | 46 (57%) | 5 (6%) | 30 (37%) |
| <i>Masculino</i> (23) | 12 (52%) | 6 (26%) | 5 (22%) | 15 (65%) | 4 (17%) | 4 (17%) |

Tabela 10 – As construções *verbo+determinante* tomando o sexo como variável

| Sexo | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | | |
|--------------------------|------------------------------------|-------------------------|----------------------|------------------------|-------------------------|----------------------|-------------|
| | Sentem-se ...VOSSOS | Sentai-vos ...VOSSOS | Sentem-se ...seus | Sentem-se... VOSSOS | Sentai-vos... VOSSOS | Sentem-se... seus | Todos |
| <i>Feminino</i> (81) | 58 (72%) | 3 (4%) | 20 (25%) | 6 (7%) | 39 (48%) | 11 (14%) | 25 (31%) |
| <i>Masculino</i> (23) | 15 (65%) | 2 (9%) | 6 (26%) | 6 (26%) | 12 (52%) | 2 (9%) | 3 (13%) |

Numa análise sob a divisão feminino/masculino, percebemos que, se olharmos apenas para as opções mais seleccionadas em cada pergunta, não há grandes diferenças nas avaliações feitas por uns e outros. Num segundo olhar, notamos que em cinco dos seis casos em que é possível optar pela resposta menos restritiva (“ambos” ou “todos”), são os falantes do sexo feminino que escolhem esta opção, embora os valores percentuais não sejam, em alguns destes casos, muito díspares.

No que toca à dispersão geográfica das respostas, registamos uma maioria de respostas na zona Norte, especialmente Porto (17) e Vila Nova de Gaia (17), aparecendo o terceiro lugar mais representado – Gondomar (6) – com menos de metade das ocorrências registadas *ex aequo* nos dois primeiros; equivalendo, aliás, o número de falantes desta cidade que ocupa o terceiro lugar ao número de registos de falantes que indicaram topónimos brasileiros (6 falantes). Para conseguirmos uma leitura menos particular, optamos por agrupar conforme o sistema NUTS¹⁵. Assim, temos: *Área Metropolitana do Porto* (Porto (17), Vila Nova de Gaia (17), Gondomar (6), Santa Maria da Feira (5), Matosinhos (5), Valongo (5), Santo Tirso (4), Paredes (3), Vila do Conde (2), Oliveira de Azeméis (2), Maia (1) e Póvoa de Varzim (1)); *Comunidade Intermunicipal do Alto Minho* (Viana do Castelo (3), Ponte de Lima (2) e Caminha (1)); *Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa* (Marco de Canaveses (2), Penafiel (1), Amarante (1) e Felgueiras (1)); *Comunidade Intermunicipal do Cávado* (Braga (2) e Barcelos (2)); *Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro* (Aveiro (2), Águeda (1) e Ovar (1)); *Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra* (Coimbra (1) e Figueira da Foz (1)); *Comunidade Intermunicipal do Ave* (Guimarães (1)); *Comunidade Intermunicipal do Oeste* (Alcobaça (1)); *Comunidade Intermunicipal do Douro* (Peso da Régua (1)); *Comunidade Intermunicipal das Terras de Trás-os-Montes* (Bragança (1)); *Comunidade Intermunicipal do Algarve* (Portimão (1)); *Açores* (3) e *Madeira* (2). As restantes ocorrências correspondem a *Brasil* (6); *Venezuela* (1) e *Espanha* (1).

Apresentamos na tabela seguinte apenas as zonas de que tenhamos registos de mais do que um informante¹⁶:

15. “NUTS é o acrónimo de “Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos”, sistema hierárquico de divisão do território em regiões. Esta nomenclatura foi criada pelo Eurostat no início dos anos 1970, visando a harmonização das estatísticas dos vários países em termos de recolha, compilação e divulgação de estatísticas regionais. A nomenclatura subdivide-se em 3 níveis (NUTS I, NUTS II, NUTS III), definidos de acordo com critérios populacionais, administrativos e geográficos. (...) Actualmente, os 308 municípios de Portugal agrupam-se em 25 NUTS III, 7 NUTS II e 3 NUTS I.” retirado de <https://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS> acedido em 17-04-2021 às 08:19.

16. Entendemos que para extrapolar os resultados, ainda que de uma forma bastante cautelosa e limitada, deveríamos considerar um mínimo de dois informantes.

Tabela 11 – A oposição vós/vocês numa perspetiva geográfica

| Zona | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | |
|--|------------------------------------|-------------|------------|-----------------------|------------|-------------|
| | Vós | Vocês | Ambos | Vós | Vocês | Ambos |
| <i>A. M. do Porto</i> (68) | 4 (6%) | 55 (81%) | 9 (13%) | 49 (72%) | 4 (6%) | 15 (22%) |
| <i>C. I. do Alto Minho</i> (6) | 0 | 4 (67%) | 2 (33%) | 4 (67%) | 1 (17%) | 1 (17%) |
| <i>C. I. do Tâmega e Sousa</i> (5) | 1 (20%) | 4 (80%) | 0 | 3 (60%) | 1 (20%) | 1 (20%) |
| <i>C. I. do Cávado</i> (4) | 0 | 4 (100%) | 0 | 2 (50%) | 0 | 2 (50%) |
| <i>C. I. da Região de Aveiro</i> (4) | 0 | 4 (100%) | 0 | 3 (75%) | 0 | 1 (25%) |
| <i>C. I. da Região de Coimbra</i> (2) | 1 (50%) | 1 (50%) | 0 | 2 (100%) | 0 | 0 |
| <i>Açores</i> (3) | 0 | 3 (100%) | 0 | 3 (100%) | 0 | 0 |
| <i>Madeira</i> (2) | 0 | 2 (100%) | 0 | 2 (100%) | 0 | 0 |

FARIA, MARCELA; *Algumas considerações sobre a produção e a aceitação de formas dos paradigmas vós/vocês após inquérito a estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Some considerations on the production and acceptance of forms of the vós/vocês paradigms after a survey of students from the Faculty of Arts of the University of Porto*
 REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 118-155

| Zona | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | |
|---|------------------------------------|--------------|-------------|-----------------------|------------|-------------|
| | Convosc o | Com vocês | Ambos | Convosc o | Com vocês | Ambos |
| <i>A. M. do Porto</i> (68) | 41 (60%) | 10 (15%) | 17 (25%) | 38 (56%) | 7 (10%) | 23 (34%) |
| <i>C. I. do Alto Minho</i> (6) | 5 (83%) | 0 | 1 (17%) | 1 (17%) | 0 | 4 (67%) |
| <i>C. I. do Tâmega e Sousa</i> (5) | 4 (80%) | 1 (20%) | 0 | 3 (60%) | 0 | 2 (40%) |
| <i>C. I. do Cávado</i> (4) | 0 | 2 (50%) | 2 (50%) | 2 (50%) | 0 | 2 (50%) |
| <i>C. I. da Região de Aveiro</i> (4) | 2 (50%) | 1 (25%) | 1 (25%) | 2 (50%) | 0 | 2 (50%) |
| <i>C. I. da Região de Coimbra</i> (2) | 1 (50%) | 1 (50%) | 0 | 2 (100%) | 0 | 0 |
| <i>Açores</i> (3) | 1 (33%) | 2 (67%) | 0 | 3 (100%) | 0 | 0 |
| <i>Madeira</i> (2) | 0 | 0 | 2 (100%) | 2 (100%) | 0 | 0 |

Tabela 12 – A oposição *convosco/ com vocês* numa perspectiva geográfica

Tabela 13 – As construções verbo+determinante numa perspetiva geográfica

| Zona | Vê-se a produzir mais naturalmente | | | Considera mais cortês | | | |
|--|------------------------------------|-------------------|------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|-------------|
| | Sentem -se... | Sentai- vos... | Sentem -se... | Sentem -se... | Sentai- vos... | Sentem -se ... | Todos |
| | VOSSOS | VOSSOS | seus | VOSSOS | VOSSOS | seus | |
| <i>A. M. do Porto</i> (68) | 52 (77%) | 3 (4%) | 13 (19%) | 9 (13%) | 32 (47%) | 11 (16%) | 16 (24%) |
| <i>C. I. do Alto Minho</i> (6) | 5 (83%) | 0 | 1 (17%) | 0 | 4 (67%) | 0 | 2 (33%) |
| <i>C. I. do Tâmega e Sousa</i> (5) | 5 (100%) | 0 | 0 | 2 (40%) | 2 (40%) | 0 | 1 (10%) |
| <i>C. I. do Cávado</i> (4) | 3 (75%) | 0 | 1 (25%) | 0 | 1 (25%) | 0 | 3 (75%) |
| <i>C. I. da Região de Aveiro</i> (4) | 2 (50%) | 0 | 2 (50%) | 0 | 3 (75%) | 1 (25%) | 0 |
| <i>C. I. da Região de Coimbra</i> (2) | 1 (50%) | 1 (50%) | 0 | 0 | 1 (50%) | 0 | 1 (50%) |
| <i>Açores</i> (3) | 0 | 1 (33%) | 2 (67%) | 0 | 1 (33%) | 0 | 2 (67%) |
| <i>Madeira</i> (2) | 1 (50%) | 0 | 1 (50%) | 0 | 2 (100%) | 0 | 0 |

Quanto aos dados apresentados acima nas tabelas 11, 12 e 13, podemos destacar que na grande maioria das zonas (em 7 das 8 zonas) se produz mais naturalmente o *vocês* e que o mesmo sucede quanto ao associar-se maior cortesia à forma *vós*.

Relativamente ao confronto de associação de cortesia entre *convosco /com vocês/ ambos* há algum aumento na aceitação mais a norte, aparecendo, por exemplo, na primeira zona mais representada, uma percentagem de 34% em oposição à de 22% registada no ponto acima e, na segunda zona mais representada, uma percentagem de 67%, muito diferente do que verificamos atrás (17%).

Na tabela em que se registam as considerações sobre as construções verbo+determinante possessivo, temos uma tendência sustentadamente maior de aceitação da forma “Sentem-se, por favor, nos vossos lugares.” em metade das zonas retratadas, embora nas considerações sobre a cortesia já notemos algum espriamento nas respostas dadas.

No que toca às respostas dadas por falantes que indicaram que na maior parte da sua vida viveram no Brasil, notamos uma preferência pela produção *vocês* (5) (esperada – dadas as características da variedade em causa) e pela classificação como mais cortês da forma *vós* (3) ou ainda de ambas as realizações (3)¹⁷.

Versando agora sobre os dados numa perspectiva mais global, atentemos nas tabelas 14 e 15:

17. Neste estudo pretendemos refletir apenas sobre PE, contudo não deixamos de apontar a igualdade entre o número de falantes que considera mais cortês a forma *vós* e os falantes que indicam igual grau de cortesia em *vós* e *vocês*, o que não acontece relativamente aos informantes que passaram a maior parte da vida em Portugal.

Tabela 14 – Perspetiva geral sobre os resultados obtidos

| | Vê-se a produzir mais naturalmente | Considera mais cortês |
|-----------------------|------------------------------------|-----------------------|
| Vós | 6,5% | 70,1% |
| Vocês | 80,4% | 6,5% |
| Ambos | 13,1% | 23,4 |
| Convosco | 53,3% | 58,9% |
| Com vocês | 21,5% | 8,4% |
| Ambos | 25,2% | 32,7% |
| Sentem-se nos vossos | 70,1% | 11,2% |
| Sentai-vos nos vossos | 4,7% | 49,5% |
| Sentem-se nos seus | 25,2% | 13,1% |
| Todos | - | 26,2% |

A grande maioria (80,4%) dos falantes vê-se a produzir mais naturalmente a forma *vocês* embora uma também bastante considerável maioria (70,1%) entenda que *vós* é a forma mais cortês (destaca-se o baixo número de falantes que consideram *vocês* como forma cortês). Tanto na confrontação de produção como na de cortesia associada no par *convosco/ com vocês* os números já não se apresentam tão sólidos, o que mostra, cremos nós, uma fase anterior no processo de incorporação da mudança. Por último, nas considerações sobre a conjugação verbo+-determinante possessivo, temos, por um lado, na produção, uma maioria bastante considerável (70,1%) a responder “Sentem-se nos vossos”, enquanto, por outro lado, na avaliação sobre a cortesia associada os números já são menos robustos, já que não se chega sequer a atingir uma maioria absoluta.

FARIA, MARCELA; *Algumas considerações sobre a produção e a aceitação de formas dos paradigmas vós/vocês após inquérito a estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Some considerations on the production and acceptance of forms of the vós/vocês paradigms after a survey of students from the Faculty of Arts of the University of Porto*
 REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 118-155

| | Correto | Incorreto | Regionalismo | Baixa escolarização | Mais jovens (< 40) | Mais velhos (> 40) |
|--------------------------------|-------------|-------------|--------------|---------------------|--------------------|--------------------|
| Vós sois muito engraçados. | 78 (73%) | 6 (6%) | 28 (26%) | 10 (9%) | 2 (2%) | 70 (65%) |
| Vocês são muito engraçados. | 92 (86%) | 2 (2%) | 3 (3%) | 9 (8%) | 62 (58%) | 16 (15%) |
| Vós sabeis o que quero dizer. | 78 (73%) | 5 (5%) | 27 (25%) | 6 (6%) | 1 (1%) | 71 (66%) |
| Vocês sabem o que quero dizer. | 92 (86%) | 1 (1%) | 1 (1%) | 9 (8%) | 69 (64%) | 20 (19%) |
| Eu vou convosco. | 99 (93%) | 0 | 2 (2%) | 7 (7%) | 46 (43%) | 41 (38%) |
| Eu vou com vocês. | 71 (66%) | 22 (21%) | 7 (7%) | 27 (25%) | 49 (46%) | 25 (23%) |

Tabela 15 – Juízos de valor selecionados pelos informantes

Na tabela 15, acima, vemos que grande parte dos falantes considera que tanto *vós* como *vo-cês* são formas corretas (até mais o *vocês* do que o *vós*), porém o mesmo não se passa em relação a *convosco/com vocês*: neste confronto os falantes consideram mais correta a forma associada ao paradigma *vós* (não havendo, aliás, nenhum falante que a considere incorreta), embora muitos também considerem correta a forma *vocês* – mas num número menor e com a nota de que alguns (21%) a consideram incorreta. Percebemos também que a produção de *vós* é a que mais é associada ao conceito de regionalismo (25%/26%), ou seja, os falantes entendem que é produzida em zonas geograficamente delimitadas enquanto a mesma consideração sobre a forma *vocês* não ultrapassa os 3%. Na divisão entre falantes mais jovens (menos de 40 anos) e mais velhos (mais de 40 anos), vemos que a produção de *vós* é mais associada aos últimos e a de *vocês* aos primeiros. Ressalva para o entendimento mostrado de que a produção *convosco* não é afetada pela variável idade, enquanto a produção de *com vocês* é associada à fatia mais jovem.

No que toca à pergunta de resposta aberta *Imagine que acabou de ser eleito/a Presidente da República Portuguesa. Escreva, por favor, o início do seu discurso de vitória. Dirija-se explicitamente ao povo que o/a elegeu e agradeça o apoio/confiança que recebeu da parte deles*, obtivemos resultados bastante díspares no que diz respeito não só à saudação inicial - e tudo o que daí podemos retirar no que toca à forma de tratamento selecionada pelos falantes - como também à dimensão do texto escrito; havendo, assim, casos em que há mais marcas linguísticas do tipo que procurávamos. Olhando os dados, as 37 respostas que contabilizamos (correspondentes a cerca de 35% dos inquiridos), é-nos possível perceber, numa leitura macroscópica - a única que faremos devido ao tempo que uma análise detalhada nos iria tomar – que há várias ocorrências de construções de amálgama, isto é, numa produção de um falante há construções com elementos linguísticos relacionados com o paradigma *vós* (por exemplo, especificamente a expressão pronominal *-vos*) e elementos linguísticos relacionados com *vocês* (por exemplo, o uso de verbos na terceira pessoa do plural). Sublinhamos a limitação desta observação pelo que acima referimos, contudo entendemos que seria importante não perdermos a oportunidade de recolhermos alguns dados de produção escrita livre sobre esta temática. Assim, embora

não estejamos a fazer uma análise exaustiva, da qual poderiam ser retiradas conclusões mais sólidas, cremos que contribuímos já, de alguma forma, para a sustentação de que, de facto, não há unanimidade no uso de convocação/interpelação do interlocutor plural, especificamente em contextos de produção que possam requerer um certo grau de formalidade/deferência, em contextos que possam ter um destaque social marcado.

3. CONCLUSÃO

Cremos que podem ser elencadas as seguintes conclusões:

1- O número de respostas obtido é matematicamente pouco representativo, invalidando a apresentação de conclusões muito assertivas, pelo que, acima de tudo, poderemos falar de tendências a serem comprovadas em estudos com mais informantes.

2- Entendemos que o ciclo de estudos frequentado não se mostra uma variável muito considerável, na medida em que os resultados não apresentam fraturas distintivas nas opções seleccionadas. À semelhança, excetua-se algumas considerações sobre a cortesia das formas (mostrando-se alguma tendência de menor restrição de aceitação nos falantes inscritos em ciclos mais avançados) e a residual produção de *com vocês* por parte do mesmo grupo, indo ao encontro, neste último ponto, do que é apontado pelos falantes nos juízos, quando atribuem, em maior percentagem, a etiqueta de “baixa escolarização” a esta forma do paradigma *vocês*.

3- Relativamente à idade, mostra-se uma concordância praticamente total nas opções seleccionadas, havendo a notar uma possível tendência de aceitação de cortesia transversal nos falantes mais velhos. Destaque também para a indicação de que é o grupo mais velho o que indica produzir menos a forma *vocês* e mais a forma *vós*, ainda que na sua maioria assumam produzir mais a primeira forma. Estas considerações vão ao encontro do que é apontado nos juízos de valor dos próprios falantes, nos quais estes, de facto, associam a forma *vocês* a produções de mais jovens (menos de 40 anos) e a forma *vós* a falantes mais velhos (mais de 40 anos).

4- Não há uma diferença assinalável na produção e consideração de cortesia tomando a variável sexo, ou seja, os dados são mais ou menos os mesmos independentemente de estarmos a falar de falantes do sexo masculino ou do sexo feminino; contudo, nota-se uma ligeira prevalência na aceitação de produções de ambos os paradigmas por parte dos falantes que indicaram sexo feminino. Entendemos que uma leitura que se poderá equacionar (sublinhamos a atenuação) é a de que os falantes do sexo feminino mostram menos resistência à inclusão de novas formas, indo, com esta hipótese, também ao encontro do que surge em Aguiar & Paiva (2017).

5- Geograficamente, ou num intuito de uma análise diatópica, logo à partida, temos de sublinhar a grande disparidade nos valores reais nas diferentes zonas, o que muito enfraquece as leituras a retirar: recolher as considerações de 68 falantes é muito diferente de recolher as opiniões de seis. Ainda assim, podemos apontar que há uma tendência geral para a produção de *vocês* e alguma divisão quanto à produção de *convosco*. No primeiro caso, diríamos até que há uma tendência especial de produção nas zonas insulares e nas menos nortenhas, com a curiosa exceção da zona do Cávado (em que se insere Braga). No segundo caso, vemos algo semelhante quanto à produção e um aumento, no que toca à cortesia associada, nas respostas dadas por falantes das zonas mais a norte. Sobre a ideia de o *vós* estar geograficamente confinado, entendemos que não nos é possível apresentar considerações fortes, pelo facto de termos poucos informantes das zonas tradicionalmente associadas a uma maior produção da forma, nomeadamente zonas pertencentes à *Comunidade Intermunicipal do Cávado*, à *Comunidade Intermunicipal do Ave* e à *Comunidade Intermunicipal das Terras de Trás-os-Montes*. Todavia, não podemos deixar de considerar os juízos apontados pelos informantes: 25-26% destes consideram que a forma *vós* está geograficamente restrita, pelo que se percebe que há aqui algo mais a ser explorado. No que toca às construções de verbo+determinante possessivo, há uma tendência, que também nos parece geral, de aceitação de “sentem-se nos vossos” seguida de “sentem-se nos seus”, parecendo esta última ser ligeiramente mais produzida nas ilhas do que no continente.

6- Genericamente, no que diz respeito à produção entre *vós/vocês* como sujeito expresso de uma frase afirmativa simples, a maioria dos falantes (80,4%) entende que produz mais naturalmente *vocês*, embora a maioria (70,1%) também entenda que *vós* é uma forma mais cortês (mostrando, com 6,5%, que a forma *vocês* é considerada cortês por muito poucos falantes). No que diz respeito à produção *convosco/ com vocês*, a maioria dos falantes (53,3%) entende que produz mais naturalmente *convosco*, forma que é também considerada a mais cortês por 58,9% dos falantes. O facto de estarmos perante uma maioria de produção bastante mais pequena (53,3%) na forma do paradigma *vós* do que tínhamos atrás na forma *vocês* (80,4%), induz-nos na leitura de que a mudança de paradigma está a acontecer mais lentamente nestas construções do que nas nominais, em linha com o que é apontado no estudo de Aguiar & Paiva (2017). Para esta delonga na incorporação da forma poderá estar a contribuir a ideia de que é uma construção menos correta, pois, como vimos, os falantes apresentam a maior percentagem associada ao juízo “incorreto” na construção *com vocês*. Relativamente às construções verbo+determinante possessivo, consideramos que há uma mudança ainda mais lenta por haver na construção mais produzida uma junção dos paradigmas: há, na produção, uma maioria bastante considerável (70,1%) a responder “Sentem-se nos vossos”. Apesar disto, a segunda opção – “Sentem-se nos seus” – foi escolhida por 25,2% dos falantes, o valor mais alto relativamente às opções que aparecem em segundo lugar (*vós* é segunda opção com 6,5% e *com vocês* é segunda opção com 21,5%). Sendo a forma natural do sistema do paradigma que se está a afirmar, fica em aberto que a sua produção se acentue.

7- Por não termos incluído no nosso questionário uma explicação sobre o contexto de produção das frases sobre as quais os falantes tinham de pronunciar-se, quanto à produção e à noção de cortesia, assumimos que responderam de uma forma genérica, ou seja, genericamente, no seu dia-a-dia produzem, no caso de *vós/vocês*, mais a forma *vocês* do que a forma *vós*. Ora, tendo, os mesmos informantes, considerado que a forma *vós* é mais cortês do que a forma *vocês* isto poderá levar, a nosso ver, a uma de duas conclusões ou às duas em simultâneo: ou o dia-a-dia é, de facto, maioritariamente passado em contexto informal, não sentindo o falante

a necessidade de produção de uma forma que considera mais cortês, ou o falante seleciona outras formas linguísticas para expressar a cortesia que entende ser necessária (omissão do sujeito, seleção de fórmulas como “Os senhores/As senhoras”, entre outras).

Terminamos sublinhando novamente a consciência que temos das limitações do estudo, com a esperança de que seja possível, futuramente, uma aplicação numa amostra maior. Não obstante, julgamos ter reunido um conjunto de observações consideráveis no âmbito das discussões sobre o tema em causa.

FARIA, MARCELA; *Algumas considerações sobre a produção e a aceitação de formas dos paradigmas vós/vocês após inquérito a estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Some considerations on the production and acceptance of forms of the vós/vocês paradigms after a survey of students from the Faculty of Arts of the University of Porto*
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 118-155

REFERÊNCIAS

- Aguiar, J. & Paiva, M. C. (2017). Vocês tenham cuidado, sois educadas para isso. In P. Barbosa; M da C Paiva & C. Rodrigues, *Studies on variation in Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins, pp.135-150.
- Brown, P. & Levinson, S. (1987). *Politeness – some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carreira, M. H. (1997). *Modalisation linguistique en situation d’interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain Paris: Peeters.
- _____(2001). *Semântica e discurso, estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês)*. Porto: Porto Editora.
- _____(2002). La designation de l’autre en portugais européen: instabilités linguistiques et variations discursives. Instabilités linguistiques dans les langues romanes. *Travaux et Documents*, 16, 173-184.
- _____(2004). *Les formes d’allocation du portugais européen: valeurs et fonctionnements discursifs*. *Franco-British Studies*, pp. 35-45. http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf.
- _____(2007). Le pronom d’adresse portugais «você»: valeurs et évolution. In A. Cunita; C. Lupu & L. Tasmowski (Orgs.), *Studii de lingvistica si filologie romanica. Hommages offerts à Sanda Reinheimer Rîpeanu*. Bucuresti: Editura Universitatii din Bucuresti, pp. 15-19.
- Cintra, L. F. L. (1972). *Sobre «formas de tratamento» na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Duarte, I. M. (2010). Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna In A. M. Brito (Org.), *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 133-146.
- _____(2011). Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. *Matraga Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, 18 (28), 84-101. Rio de Janeiro:UERJ.
- Duarte, I. M. & Marques, M. A. (2019). Formas de tratamento e preservação da face em interações verbais online. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 5, 236-249. doi: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a17>.
- Faria, I. H. (2006, 18 de janeiro). *Exmo Senhor Presidente, você não sabe que... ?* In jornal Público,-consultado em 20-05-2021.

Gouveia, C. (2008). As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu. In I. M. Duarte & F. Oliveira (Eds.) *O fascínio da Linguagem*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 91-100.

Hammermüller, G. (2004). *Adresser ou éviter, c'est la question... Comment s'adresser à quelqu'un en portugais sans avoir recours à un pronom ou à une autre forme équivalente (Coloquio de Paris)*. Centro Virtual Cervantes. https://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_hammermueller.pdf.

Kerbrat-Orecchioni, C. (1997). Variations culturelles et universaux dans le fonctionnement de la politesse linguistique. In D. Luzzatti, et al. (Eds.), *Le Dialogique (colloque international sur les formes philosophiques, linguistiques, littéraires, et cognitives du dialogue, 15-16 septembre 1994)*, Peter Lang.

_____(2004). Es universal la cortesía? In D. Bravo & A. Briz (Eds.), *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel

Macário Lopes, A. C. (2018). *Pragmática: uma introdução*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

Marques, M. A. (2008). Quando a cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do outro. In M. Oliveira & I. Duarte (2008). *O Fascínio da Linguagem: Actas / Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto, pp.277-296.

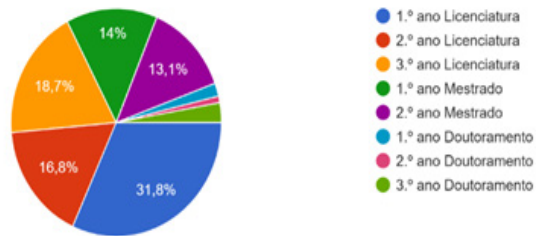
Pinto, A. G. & Amorim C. (2019). Pilar P. Barbosa, Maria da Conceição de Paiva, Celeste Rodrigues. Studies on variation... *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, (4), 189-208.

ANEXO

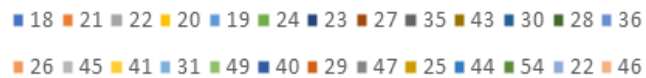
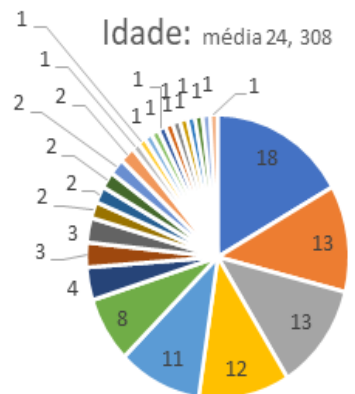
QUESTIONÁRIO (RESULTADOS POR PERGUNTA)

Pergunta 1

Ano em que se encontra inscrito/a
 107 respostas

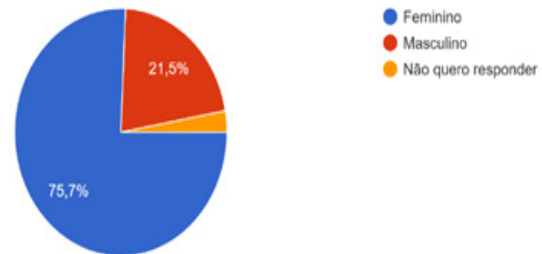


Pergunta 2



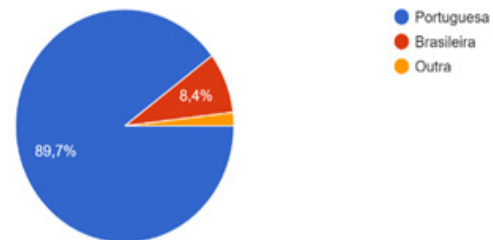
Pergunta 3

Sexo
107 respostas



Pergunta 4

Nacionalidade
107 respostas

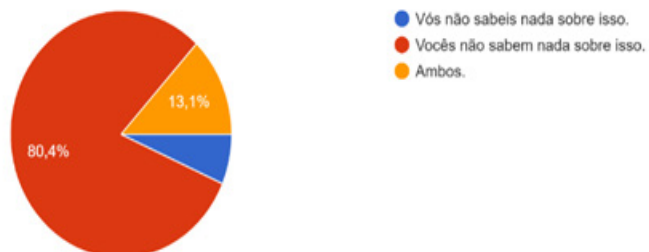


Outra: venezuelana, timorense

Pergunta 7

Qual destes enunciados se vê a produzir mais naturalmente?

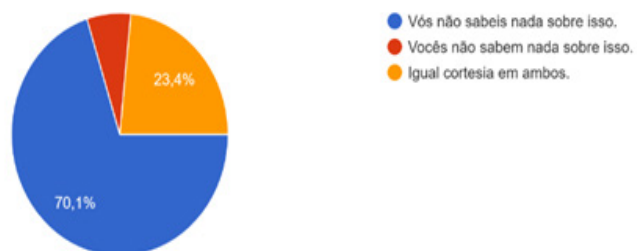
107 respostas



Pergunta 8

Qual deles considera mais cortês?

107 respostas



Pergunta 9

Qual destes enunciados se vê a produzir mais naturalmente?

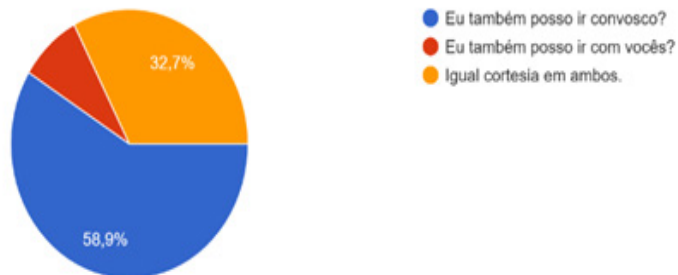
107 respostas



Pergunta 10

Qual deles considera mais cortês?

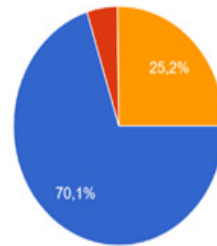
107 respostas



Pergunta 11

Imagine que se dirige a uma plateia. Qual destes enunciados se vê a produzir mais naturalmente?

107 respostas

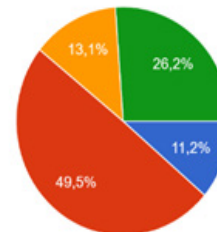


- Vamos dar início à sessão. Sentem-se, por favor, nos vossos lugares.
- Vamos dar início à sessão. Sentai-vos, por favor, nos vossos lugares.
- Vamos dar início à sessão. Sentem-se, por favor, nos seus lugares.

Pergunta 12

Qual deles considera mais cortês?

107 respostas



- Vamos dar início à sessão. Sentem-se, por favor, nos vossos lugares.
- Vamos dar início à sessão. Sentai-vos, por favor, nos vossos lugares.
- Vamos dar início à sessão. Sentem-se, por favor, nos seus lugares.
- Igual cortesia em todos.

Pergunta 13

Para cada enunciado, indique, por favor, os seus juízos de valor.

